



OS AGUAPÉS invadiram grande parte da lagoa e convivem com as algas azuis, responsáveis pelo mau cheiro

▶ *Estudo da UFMG mostra que lagoa da Pampulha estará condenada à morte em menos de cinco anos*

Postal da agonia

MÁRCIA SIQUEIRA

O futuro da lagoa da Pampulha está mais ameaçado do que se pensa. Um estudo dos departamentos de Biologia Geral e Botânica da UFMG, que desde 92 monitora a qualidade da água no reservatório, revela que a poluição aumentou muito no ano passado, e a quantidade de algas azuis, que se alimentam dos poluentes, praticamente dobrou. De acordo com a professora Alessandra Giani, uma das coordenadoras da pesquisa, as conclusões são desanimadoras: o principal cartão postal de Belo Horizonte pode estar condenado à morte em menos de cinco anos, caso nenhuma intervenção livre a lagoa dos rios de esgoto.

Os números não deixam dúvida. Entre 95 e 97, a presença de amônia na água passou de 5.100 para 9.300 microgramas/litro. Não bastasse a enorme diferença, esses índices já estão muito acima

do limite que define um ambiente poluído – nada menos que 2.000 microgramas/litro. Os níveis de fósforo também dobraram em relação a 95 e correspondem a pelo menos 12 vezes o limite da poluição. O resultado de tanto descaso com a lagoa é o rompimento do equilíbrio ecológico.

Desde o início da pesquisa, diz a professora Alessandra, pelo menos uma dezena de espécies de algas e três de microcrustáceos, que formam o chamado zooplâncton, já desapareceram da lagoa. "A poluição está selecionando espécies", explica. Até o momento, quem tem vencido a batalha na cadeia ecológica são as algas azuis, ou cianobactérias, responsáveis por aquela "nata" esverdeada que recobre o espelho d'água e o odor desagradável que exala da lagoa.

A questão é que esses organismos – da mesma espécie que contaminou os pacientes da hemodiálise em Caruaru – agem como oportunistas e podem ser tóxicos aos outros seres vivos que povoam

a lagoa. Além disso, com menores níveis de oxigênio na água, os pequenos animais e os peixes que ainda resistem à poluição tendem a morrer.

El Niño

Segundo Alessandra Giani, a partir deste ano, o monitoramento da Pampulha será incorporado a um projeto do CNPq, que financia pesquisas ecológicas de longa duração. A ideia é analisar as informações recolhidas nos últimos cinco anos e descobrir padrões nos ciclos da lagoa – o que permitiria até mesmo medidas preventivas para se evitar o pior.

O que já se sabe é que o final da estação seca e a chegada do calor, por volta de outubro, é o período mais crítico para a qualidade da água da lagoa. Este ano, porém, a interferência do El Niño trouxe um verão mais seco que o normal. "Como as chuvas ajudam a lavar parte da poluição, podemos esperar problemas já a partir de abril", teme Alessandra Giani.

Recuperação depende do poder público

Tão rápido quanto os esgotos podem matar a lagoa da Pampulha, a retrada dos dejetos pode salvá-la. A professora Alessandra Giani calcula que, entre cinco e dez anos depois que obras de canalização desviarem os córregos que despejaram a poluição na Pampulha, vários trabalhos de biomanipulação podem recuperar a qualidade da água. Mas a professora também admite que a tarefa não é fácil e só depende da iniciativa do poder público.

No ano passado, a equipe de professor Ricardo Motta Pinto Coelho, outro coordenador do projeto, enviou à missão japonesa que visitou a Pampulha o esboço de um plano para a recuperação da lagoa. Entre as medidas para salvar o cartão postal, estão o uso de filtros biológicos controlados – como os aguapés – e a introdução de espécies que se alimentam das algas.

Em cinco anos de monitoramento da Pampulha, a equipe dos laboratórios de Fisiologia e Fisiologia do Zooplâncton, do ICB, recolhe quinzenalmente entre 10 e 15 litros de água – sempre no mesmo ponto, entre a Igreja de São Francisco de Assis e o Iate. Além de medir os parâmetros de poluição do reservatório, os estudantes desenvolvem uma série de experimentos com microorganismos recolhidos da água para conhecer melhor a dinâmica da cadeia ecológica.

Até o final de 96, os pesquisadores mantinham um convênio com a Prefeitura de Belo Horizonte, que recebe relatórios mensais sobre a situação do lago. Em 97, porém, a Prefeitura não mostrou tanto interesse pelo projeto, afirma Alessandra Giani, e a parceria só foi renovada no início deste ano. "É certo que a pesquisa trará resultados acadêmicos importantes, como a formação de alunos. A questão é saber se esses dados serão mesmo usados para salvar a Pampulha", diz a professora.

Números do descaso

Veja as crescentes medidas de poluição da lagoa da Pampulha encontradas no estudo da UFMG. As medidas estão em micrograma de substância por litro de água

Parâmetros	1995	1996	1997
Amônia	5.100	6.900	9.300
Nitrato	180	140	9.400
Fósforo	335	400	602